Aula 8

O USO DE FONTES HISTÓRICAS COMO RECURSOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

META

Refletir sobre o uso das fontes históricas nas aulas de História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Identificar os tipos de fontes históricas.

Utilizar as fontes históricas como recursos no ensino de História.

PRÉ-REQUISITO

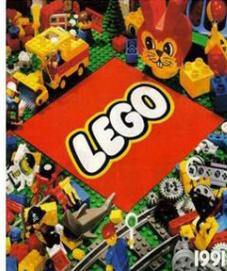
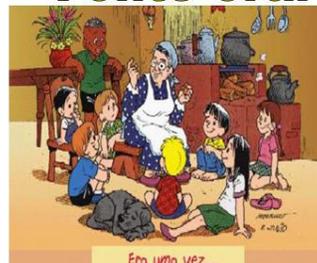
O aluno deve ter conhecimentos básicos sobre Metodologia do Ensino de História.

Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana

INTRODUÇÃO

Querido aluno (a), nesta aula daremos continuidade aos recursos que podem ser utilizados pelo professor de História, dando ênfase às **fontes históricas**, que são diversas e podem colaborar, desde que bem trabalhadas, para um ensino de História mais significativo.

Ver glossário no final da Aula

Partindo desse pressuposto, iniciaremos a nossa discussão apresentando os tipos de fontes históricas e em seguida algumas sugestões de utilização das mesmas em sala de aula.

Tipos de Fontes Históricas
Fonte:http://cadernodigitaldolipe.blogspot.com.br/2010/11/fontes-historicas.html

RECURSOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIVERSIDADE DE USOS

1- As Fontes históricas

Na busca por mudanças em relação ao ensino da História escolar, pesquisadores vêm apresentando novas perspectivas metodológicas, que envolvem o uso das fontes históricas, como recursos importantes para a aprendizagem da nossa disciplina.

As fontes históricas, como o próprio nome diz, constituem-se de "fontes", o substrato, a matéria-prima, que possibilitam ao historiador a reconstituição do passado. Desta feita, as fontes apresentam-se de maneira

diversificada, agrupando-se, basicamente em: fontes escritas, materiais, iconográficas/visuais ou audiovisuais e orais.

As fontes escritas são muito variadas, apresentando como principal suporte o **papel**, a exemplo de ofícios, legislações, jornais, revistas, cartas, diários, dentre outros. Das materiais, temos como exemplo, objetos de arte ou do cotidiano.

Ver glossário no final da Aula

Já as iconográficas/visuais ou audiovisuais ligam-se às imagens e sons, que podem ser de natureza variada, a exemplo de quadros, imagens, figuras, filmes, músicas, dentre outras.

As orais, por sua vez, estão relaciona das aos "arquivos humanos", ou seja, cada pessoa tem como, utilizando a oralidade, falar sobre determinada realidade histórica vivenciada, através de depoimento, entrevista, discurso e outras formas de expressão, por meio da linguagem falada.

A ideia de uso das fontes no ambiente escolar é algo recente e busca a inserção dos alunos no ambiente de construção do saber histórico, na medida em que propicia o contato dos mesmos com a matéria-prima de trabalho do historiador, não almejando, contudo, transformar os discentes em "pequenos historiadores".

Mas, como trabalhar com as fontes históricas em sala de aula? Primeiramente, é importante que o professor planeje com cuidado a utilização dos referidos recursos, relacionando-os com os conteúdos e objetivos definidos para cada aula. Segundo, é preciso que o docente saiba selecionar os documentos e prepare os alunos para o contato com eles. Por isso é fundamental diagnosticar o nível da turma e começar com o uso de um documento não tão complexo, mas de fácil compreensão e à medida que os discentes forem se identificando com o uso das fontes, aumentar o grau de complexidade, mas, claro, sempre observando a capacidade da turma.

Nesse sentido, devemos atentar para alguns obstáculos importantes a serem considerados no processo de seleção de documentos ou fontes históricas quais sejam: o vocabulário complexo, sendo que textos de outras épocas podem dificultar o trabalho, devido ao uso de termos desconhecidos na atualidade; grande extensão, ou seja, documentos muito longos devem ser evitados, considerando o número de aulas semanais e o tempo da hora-aula; e, por fim, a inadequação à idade dos alunos. (BITTENCOURT, 2008).

Bittencourt (2008) apresenta um caminho possível no processo de análise e comentário de um documento. Primeiramente, a autora indica: Descrever o documento, destacando as principais informações nele contidas; Mobilizar os saberes e conhecimentos prévios dos alunos; Para, a partir disso, explicar o documento, associando informações e saberes; depois situar o documento no contexto em relação ao seu autor; Identificar a natureza do documento e explorá-lo; e, por fim, Exercitar a Crítica ao documento, identificando os limites e conexões possíveis.

A partir desse esquema apresentado pela autora, vamos nos deter a algumas considerações sobre os usos das fontes históricas em sala de aula, tema do nosso próximo tópico.

1.1. Usos das Fontes Escritas em sala de aula

• Jornais e revistas

A imprensa escrita é uma fonte muito rica e diversa. Jornais e revistas, por exemplo, são dois documentos que podem ser trabalhados pelo professor em suas aulas de História.

Primeiramente, no uso dessas fontes, é preciso que levemos em consideração alguns aspectos como as questões ideológicas que permeiam a veiculação da informação e deixemos claro para os alunos, que não somente os jornais e revistas, mas nenhuma fonte é inocente, assim como explicitam Abud, Silva e Alves (2010):

> Trata-se de não aceitar o texto jornalístico como verdade, algo comum, mas de percebê-lo como um testemunho histórico, carregado de subjetividade, como tudo o que é humano; de compreender sua importância social, incluindo os impactos na construção da memória, sem cair na ideia primária da "busca pela verdade histórica", alimentando a busca de "visões multifacetadas" sobre a história; de entendê-lo como resultado da visão do mundo, da interpretação da realidade de quem o produziu. (ABUD, SILVA e ALVES, 2010, p.29-30).

Partindo desse pressuposto, devemos alertar os nossos alunos sobre essas nuances, considerando que a análise dos jornais deve ser conduzida com inquérito, sempre questionando sobre o que nele é informado. A visão de mundo presente nos jornais é algo que deve ser enfatizado pelo professor, preparando os discentes para identificar os posicionamentos favoráveis ou contrários em relação ao conteúdo trabalhado.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 25 de março de 1960 — Ano LXIX — N.º 70

Senado levanta-se contra mudança já para Brasília

MUDA-SE O GLOBO COM AS CAPITAIS

Um comboio de carrêtas começará hoje pela manhã a mudança dos pertences do Catete: livros, máquinas de escrever, aparelhos elétricos, a cadeira de barbeiro privativa do Presidente e, o que vale por um símbolo, um grande globo terrestre, foram cuidadosamente encaixotados para servir em Brasília, num outro meridiano. (Página 9)

Senadores da Oposição e da Maioria levantaram-se ontem, no Monroe, contra a transferência do Congresso para Brasília, concordando em que a mudança é "uma loucura" (expressão do Senador Lourival Fontes) enquanto o Govêrno não oferecer um mínimo de garantia para as comunicações entre as duas casas e o resto do País.

O Sr. Lourival Fontes, do PTB, aparteando o Sr. Afonso Arinos, afirmou que "a mudança precipitada para a futura Capital constitui uma loucura, uma insensatez, uma irresponsabilidade e, mais do que isso, uma aberração e uma monstruosidade. Brasília — salientou — ainda não oferece condições morais nem materiais para o exercício do mandato; Brasília é verdadeiramente, para os parlamentares, um túmulo e um deserto."

O Senador Mem de Sá, depois de apelar para o Presidente no sentido de que possibilite residências para os jornalistas, esclareceu que o Poder Legislativo não pode apenas falar para si mesmo — (Pág. 5).

África do Sul como réu na ONU

Contando com o apoio da Grã-Bretanha e Estados Unidos, as delegações afro-asiáticas nas Nações Unidas resolveram ontem pedir uma reunião imediata do Conselho de Segurança, para examinar as violências do Govêrno da África do Sul contra os nativos, que protestam contra a segregação racial. Os Estados Unidos já manifestaram sua desaprovação ao morticínio dos negros, e ontem o Govêrno britânico definiu, pela primeira vez, a sua posição, encaminhando à Câmara dos Comuns uma moção que expressa sua simpatia pelos nativos.

O Secretário-Geral da ONU, Dag Hammarskjold, declarou que a Carta da Organização veda a intervenção nos assuntos internos de um país, mas não o debate sôbre êsses assuntos, nada obstando, portanto, a reunião do Conselho para tratar da questão. Furtou-se, porém, a antecipar que medidas poderiam ser tomadas pelo Conselho. (Página 2).

Kubitschek exalta união Brasil-EUA

— O Brasil e os Estados Unidos nunca foram tão amigos como agora — disse ontem o Presidente Juscelino Kubitschek, ao responder à saudação que lhe dirigiu o Embaixador Moors Cabot, no almôço que lhe ofereceu, no Copacabana Palace, a colônia norte-americana do Rio.

O Embaixador norte-americano exaltou a obra do Presidente Kubitschek, particularmente a implantação de indústrias, a abertura de estradas, a Operação Pan-Americana e a construção de Brasília

Nesta edição

Jornal do Brasil (1960)
Fonte: http://bibliotecno.com.br/?p=632

Desta feita, é importante que o professor discuta sobre os elementos básicos que constituem os **textos jornalísticos**, notadamente reportagens, artigos, comentários, crônicas, anúncios, legendas e fotografias. (ABUD; SILVA; ALVES; 2010). Aqui, o professor de História pode contar com o auxílio do professor de Português, que, em relação ao exemplo citado, trabalharia com os alunos as características da linguagem jornalística, inclusive, a linguagem utilizada nos jornais mais antigos, mostrando as mudanças ocorridas na escrita do português. Isso poderá despertar a curiosidade dos alunos!

Ver glossário no final da Aula

De igual maneira, na análise das revistas também devem ser considerados esses aspectos, sempre observando a questão da parcialidade e a linguagem utilizada na veiculação da informação.

Em síntese, o professor deve preparar os alunos antes do contato com as fontes e após essa fase. Cabe ao docente selecionar os documentos mais adequados à turma com a qual realizará a atividade e seguir os passos de análise documental que expulsemos anteriormente, com a proposta de Bittencourt (2008).

- **História e Literatura**

A literatura constitui-se numa fonte bastante rica e vem contribuindo sobremaneira para a escrita da história na atualidade. A literatura e a história possuem pontos de aproximação e afastamento. É preciso que tenhamos claro que:

> Ambas procuram representar a ação dos seres humanos no tempo e utilizam narrativas para alcançar esse objetivo. A Literatura vale-se de narrativas não necessariamente compromissadas com acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam e representam a si mesmas e ao mundo no qual estão inseridas. A História, por sua vez, parte do presente para coletar, selecionar e interpretar fontes do passado com o objetivo de construir narrativas que se aproximem, com maior nitidez, do que foi vivenciado por um indivíduo, grupo social ou pela sociedade. (ABUD; SILVA; ALVES; 2010, p.44. Grifos nossos).

Vemos, então, que o ponto de convergência entre a história e a literatura está justamente no processo de busca na representação das ações dos homens no tempo, bem como a utilização da narrativa para expor o resultado de seu trabalho.

O ponto de divergência é que a obra literária não tem compromisso com a verdade, ou seja, não se interessa em comprovar aquilo que é escrito, ao contrário da história, que através da análise e controle das fontes busca ao máximo aproximar-se da realidade estudada.

Nesse cenário, a história busca na literatura a mentalidade de diferentes grupos sociais, as representações dos autores em relação à época que vivem e produzem as suas obras, dentre outros elementos. Assim sendo, a literatura constitui-se numa fonte que diz muito sobre determinada realidade histórica, mostrando como os homens se relacionam com as questões de seu tempo. Esse relato interessa à história, pois na reconstituição do passado, o historiador pode encontrar elementos consideráveis, que podem vir a complementar informações presentes em outras fontes, mas que não adentram em aspectos, por exemplo, da vida cotidiana dos homens.

Aliás, a História do Cotidiano muito deve à literatura, pois as descrições sobre o comportamento humano nela presentes conseguem expressar estilos de vida, hábitos e relacionamentos de diversas naturezas (familiares, sociais, econômicas, políticas, culturais, dentre outras).

Contudo, precisamos ter cuidado ao analisar as fontes literárias e atentar para a seleção das obras a serem trabalhadas em nossas aulas de História, pois devemos distinguir com muito cuidado o discurso literário do discurso histórico, para que os alunos não acabem confundindo as duas formas de linguagem e abordagem das ações humanas.

“precisamos ter cuidado ao analisar as fontes literárias e atentar para a seleção das obras a serem trabalhadas em nossas aulas de História, pois devemos distinguir com muito cuidado o discurso literário do discurso histórico”

Também é imprescindível distinguir as diferentes temporalidades presentes na literatura, ou seja, as obras podem ser textos literários que tratam de seu próprio tempo, sendo que o historiador pode encontrar questões concernentes à época vivida pelo autor; podem ser romances históricos, nos quais o historiador não busca a verdade de outro tempo, mas vê no discurso de ficção a possibilidade de acessar o passado; e ainda a literatura de ficção científica, que trata de uma temporalidade que ainda não aconteceu, mas pode identificar elementos da cultura de uma época em relação ao seu futuro. (PESAVENTO, 2003 apud ABUD; SILVA; ALVES; 2010).

O mais indicado para se utilizar em sala de aula, é trabalhar com os textos que tratam de seu próprio tempo, independente de ser romance, conto, poesia, ou qualquer outra forma do discurso literário, por aproximar-se mais da realidade histórica estudada.

Nesse cenário, podemos refletir sobre os conteúdos históricos de uma maneira diferenciada, levando o aluno ao encontro com a literatura no processo de construção da sua mentalidade histórica.

Um exemplo interessante e que sugerimos, é trabalhar com os primeiros anos da República brasileira, através da literatura, em particular com a obra de Lima Barreto “Triste fim de Policarpo Quaresma”. Esse romance retrata

uma série de situações, vivenciadas pelo seu protagonista, Policarpo, e que, intercalando com questões políticas, econômicas, sociais e do cotidiano da sociedade carioca do período, tenta empreender seu ideal republicano.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922)
Jornalista carioca e um dos mais importantes escritores literários brasileiros, autor de obras como "Recordações do escrivão Isaías de Caminha"; "O homem que sabia Javanês" e "Triste fim de Policarpo Quaresma", dentre outras.

Nessa busca, o personagem procura empreender projeto de oficialização da língua tupi-guarani em substituição ao português, apresentado à Assembleia Legislativa e que não vai adiante; depois investe na produção agrícola, acreditando que na terra brasileira "em tudo que se planta dá", atitude que também não prospera devido às pragas que atacam a sua plantação; e, por fim, o seu ideal político, que declinou após a sua participação na Revolta da Armada, quando percebeu a ação maléfica do governo oficial frente aos revoltosos.

Enfim, Policarpo traz consigo a prefiguração do ideal republicano de prosperidade para a nação brasileira que não se concretizou. Ele acreditava no regime e na nação brasileira, porém, como o próprio fim do "herói" de Lima Barreto, fuzilado após ser acusado de traição ao governo, a República brasileira não trouxe grandes mudanças para a nossa nação, contrariando os seus mais astutos idealizadores, que sonhavam com um país melhor.

Assim sendo, na análise da obra literária, é importante que o professor também trabalhe com os alunos, a vida e história do autor do livro. No caso de Lima Barreto é importante destacar a sua origem de mulato carioca, que perdeu a mãe quando tinha apenas 6 anos, tendo, contudo, a oportunidade

de estudar em bons colégios, que contribuíram para a sua formação. Um homem de seu tempo, que sofreu preconceito por ser mulato, e que, como muitos outros escritores, mergulhou na vida boêmia, no álcool e viveu momentos de depressão que culminaram com sua morte precoce.

A narração apresentada pelo autor proporciona ao professor de História uma série de possibilidades de abordagem de alguns conteúdos importantes, como a passagem da Monarquia para a República; A proclamação da República; A instabilidade política dos primeiros anos; O governo de Floriano Peixoto; A Revolta da Armada; além das questões do cotidiano, presentes nas descrições antropológicas em relação aos costumes dos cariocas do período.

Interessante é o professor de História desenvolver esta atividade com o professor de Português/Literatura, a qual pode trabalhar as questões concernentes à obra, auxiliando na compreensão das suas características e dos pormenores do seu estilo literário.

Assim, outras obras, em particular da literatura brasileira, podem contribuir com o professor de História para melhor explicitação dos conteúdos históricos: Os sertões de Euclides da Cunha, por exemplo, pode ser usado para tratar sobre a guerra de Canudos.

Euclides Rodrigues da Cunha (1866-1909)
Nascido no Rio de Janeiro, foi Engenheiro, militar, físico, naturalista, professor, jornalista, romancista, ensaísta, filósofo, poeta, escritor, geólogo, geógrafo, botânico, zoólogo, hidrógrafo, historiador e sociólogo.

Enfim, o importante é que o professor de História busque maneiras de os discentes compreenderem que a obra literária tem muito a contribuir como fonte para a construção da história, além disso, sabemos o quanto é prazeroso e instigante observarmos as realidades, através do imaginário de uma obra de ficção, contrastando com a busca da verdade na construção do conhecimento histórico.

1.2- Usos de fontes não escritas em sala de aula

• História e Música

A música vem adquirindo significativa importância no processo de análise das realidades históricas. Historiadores cada vez mais se debruçam sobre temáticas abordadas nas canções, trazendo para o seu campo de trabalho as concepções e mentalidade de seus autores, em consonância com a época por eles vivenciada.

Trazer essa atmosfera para a realidade de sala de aula é algo que pode tornar a compreensão das realidades históricas mais prazerosas e empolgantes, afinal, a música é um belo instrumento de transformação.

Desta feita, queremos instigar você aluno/futuro professor a pensar sobre como trabalhar a música em sala de aula. Primeiramente, é preciso considerar que a música vai além de um conjunto de letras e partituras, ela pode revelar situações e vivências da história da humanidade, através das representações de seus compositores.

No entanto, para trabalhar com este instrumento é preciso alguns cuidados, como diagnosticar o universo musical dos alunos com os quais será desenvolvida a atividade e, a partir disso, estimulá-los a compreender os contextos históricos nos quais as músicas são produzidas. "Trata-se de uma maneira de problematizar a "escuta" musical do aluno em relação ao processo de construção do conhecimento histórico". (ABUD; SILVA; ALVES; 2010, p.63). Intercalando esses dois universos, o docente terá maiores possibilidades de obter sucesso em sua prática.

Também é preciso considerar as várias maneiras de utilizar a linguagem musical: através da análise da letra, do gênero musical e da construção da mentalidade de determinada época histórica. (ABUD; SILVA; ALVES; 2010).

Seguindo essas três nuances, como primeiro passo, é importante que o professor relacione o contexto retratado pela canção e a vida do compositor, mostrando aos alunos aspectos que aproximam a música do momento histórico vivido.

Nesse sentido, geralmente as músicas mais populares, do estilo da MP**B** (Música Popular Brasileira), são as mais utilizadas pelos professores em suas aulas de História. Bittencourt (2008) mostra que os docentes brasileiros trabalham bastante com os regimes políticos ditatoriais, notadamente o regime varguista e o militar, principalmente a temática da repressão política.

A autora complementa que o rap é um estilo também bastante utilizado nas atuais propostas pedagógicas dos professores, servindo, inclusive, para que os alunos produzam suas próprias canções, à luz dos conteúdos históricos. (BITTENCOURT, 2008). Contudo, a autora faz um alerta: "Se existe facilidade em usar a música para despertar interesse, o problema que

se apresenta é transformá-la em objeto de investigação [...] Existe enorme diferença entre ouvir música e pensar a música." (BITTENCOURT, 2008, p.379-380. Grifos da autora).

É preciso que tenhamos o cuidado, não somente utilizando a música, mas qualquer outro recurso pedagógico, de não deixarmos que o próprio recurso conduza a atividade, ou seja, ele não pode ser o centro, mas o meio, o instrumento que conduz à aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, a música não pode apenas ser ouvida de maneira aleatória, mas "degustada" em seu conteúdo.

Partindo desse pressuposto, e diante da produtiva cultura musical brasileira, podemos refletir sobre como utilizar esse recurso em sala de aula. Ressaltamos que podem ser trabalhadas tanto as músicas que retratam momentos anteriores da nossa história, bem como questões mais atuais. Como exemplos, **citamos** : "Racismo é burrice" de Gabriel o pensador, para tratar da questão do preconceito racial e "Zumbi dos Palmares" de Edson Gomes intercalando com a importância da cultura negra a ser enfatizada na aula, como prescreve a lei 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira; "Apesar de você" de Chico Buarque sobre a Ditadura Militar; "Fábrica" de Legião Urbana para abordar a Revolução Industrial; "24 de agosto" de Teixeirinha, sobre o suicídio de Vargas; "Dr. Getúlio", de Chico Buarque, homenagem a Getúlio Vargas; "É proibido proibir" de Caetano Veloso, sobre a repressão na Ditadura Militar; "Mulheres de Atenas" de Chico Buarque, sobre o papel da mulher na Grécia Antiga; "Lampião, o rei do cangaço" de Tadeu Martins.

Diante do exposto e voltando no tempo, vamos analisar a música "24 de agosto" de Teixeirinha, que faz memória à morte de Getúlio Vargas, ocorrida em 24 de agosto de 1954. Teixeirinha, nascido em 1927 foi compositor da genuína música popular gaúcha nascido em 1927. Indicamos essa música para ser trabalhada com uma turma de ensino médio, porém é preciso diagnosticar o perfil dos alunos, pois como a música é de um estilo bem popular, à moda de viola, precisa ser bem pensada e trabalhada. Vamos analisar a letra da canção?

Vitor Mateus Teixeira, Teixeirinha (1927-1985)
Cantor e compositor gaúcho, conhecido como o "Rei do disco" pelos recordes de vendas alcançadas, até nos dias atuais.

“24 de Agosto”

Vinte e quatro de agosto a terra estremeceu
Os rádios anunciava o fato que aconteceu
As nuvens cobria o céu, o povo em geral sofreu
O brasil cobriu de luto, getulho vargas morreu.
Voceis ainda se recorda daquela grande eleição
Ele não queria mais ser o chefe da nação
Mas o brasil lhe chamava vem comprir sua missão
Foi por vontade do povo que a morte fez a traição.
O brasil foi abalado foi triste no mundo inteiro
Todo mundo lamentando o destino traiçueiro
Por ter vindo nos roubar o maio dos brasileiros
Getulho deixou saudades foi bom e hospitaleiro.
Seu nome ficou na história pra nossa recordação
Seu sorriso era vitória da nossa imensa nação
Com saude ele venceu guerra e revolução
Depois foi morrer a bala pela sua propria mão.
O doutor getulho vargas nos deixou grande saudade
Deus la no ceu é tão bom dele tenha piedade
Os corações brasileiros pede a deus por caridade
Ampare ele nos seus braços lhe de paz na eternidade.

(Compositor: Teixeirinha, 1962; Disponível em: http://letras.mus.br/teixeirinha-musicas/203127/#legenda)

Primeiramente, é importante ressaltar que a letra contém alguns erros gramaticais, nomes próprios escritos com letra minúscula e palavras sem acento. Aqui, há a oportunidade de realizar a atividade mais uma vez, com o professor de Português, observando os erros gramaticais e suas correções, trabalhando os conteúdos da disciplina.

O foco da letra é o fato da morte de Getúlio Vargas, mas ela vai além, trazendo aspectos importantes da atuação de Getúlio como presidente e de sua relação com o povo. É importante que o professor prepare os alunos, discutindo sobre os pormenores do governo Vargas e os motivos que levaram ao seu suicídio. Depois, a letra deve ser apresentada e lida com os alunos. Aqui é interessante solicitar que os discentes leiam as frases, trazendo-os à participação.

A partir disso, os alunos devem ouvir a música e depois o professor instigar a discussão, estabelecendo pontes entre o conteúdo da canção e o conteúdo histórico trabalhado anteriormente.

Assim sendo, com o auxílio dos discentes, o professor deve coletar, entre os mesmos, elementos históricos da música. Primeiramente, 24 de agosto foi o dia da morte do presidente, mas qual foi o ano?

No trecho "Voceis ainda se recorda daquela grande eleição/ Ele não queria mais ser o chefe da nação /Mas o brasil lhe chamava vem cumprir sua missão." Que grande eleição foi esta? E por que o compositor afirma que Getúlio não queria mais ser o chefe da nação? Aqui também o preo-fessorde Português pode trabalhar a ortografia correta das palavras escritas erroncamente em relação à norma culta.

"Foi por vontade do povo que a morte fez a traição", que traição foi esta? O povo queria ou não queria a morte de Getúlio? Por quê?

"O brasil foi abalado foi triste no mundo inteiro". Qual a repercussão da morte do presidente no Brasil e no mundo inteiro?

E quando ele diz: "Por ter vindo nos roubar o maio dos brasileiros", ao quê está se referindo? O maio tem uma conotação importante no governo de Vargas, pois era sempre no dia 01 de maio, dia do trabalhador, que Getúlio, desde o Estado Novo, anunciava as garantias trabalhistas concedidas aos brasileiros e que são é tão características de seu governo. Mas, também o presidente utilizava essa estratégia para que os trabalhadores não fizessem reivindicações, como ocorria em todo o mundo, enfim, mais uma das formas de repressão do referido governo.

No trecho "Com saude ele venceu guerra e revolução", de que "guerra" e "revolução" o autor está tratando? Primeiramente, sabemos que Getúlio assumiu o poder no Brasil, através da Revolução de 30 e logo, em 1932, enfrentou a Revolução Constitucionalista. Durante o seu governo também eclodiu a 2ª Guerra Mundial. Qual a relação de Getúlio com essa conjuntura? Quais seus posicionamentos políticos e econômicos?

Nesse cenário, qual a imagem que o compositor faz de Getúlio? Boa ou ruim? Por quê? Aqui, o professor pode trabalhar sobre as visões da atuação de Getúlio: defensor dos trabalhadores? Ditador? É interessante lançar essa discussão.

E ainda, o autor fala sobre o papel do rádio na divulgação da notícia da morte de Getúlio. Aqui, o professor pode trabalhar todas as mudanças culturais ocorridas no período, esclarecendo a função dos meios de comunicação, em particular o rádio, no fortalecimento do patriotismo e ufanismo ao referido governo.

Interessante é o professor expor os resultados da discussão no quadro ou lousa, para que os alunos possam visualizar o resultado de sua participação e também fazer anotações. Após essa reflexão, o docente deve fazer uma síntese do que foi discutido fechando os pontos e solicitando que a partir da música, os alunos escrevam a "história do Governo Vargas". Essa atividade pode ser realizada em dupla na sala de aula ou mesmo, dependendo do planejamento do professor, como atividade de pesquisa.

Uma sugestão, até para que os alunos possam vivenciar um pouco o "ofício do historiador", é pedir que na pesquisa utilizem além da música, a carta testamento de Getúlio Vargas para estabelecer conexões e assim chegar a um conhecimento mais completo. Nesse caso, o professor deve

dar também um suporte na análise da carta, visto que se trata de outro tipo de documento.

Diante do exposto, acreditamos que essa e outras atitudes na utilização das fontes históricas aproximam os alunos das realidades históricas trabalhadas em sala de aula, proporcionando meios de adentrarem no universo da história, como algo que faz parte deles, aprofundando a sua relação de reconhecimento identitário com a nossa disciplina.

• História e imagens

A fotografia constitui-se de uma imagem registrada com o objetivo de perpetuar uma memória. Como fonte histórica, ela tem representado importante papel no processo de reconstituição do passado, contribuindo para o conhecimento de realidades que muitas vezes não foram contempladas nos documentos mais tradicionais, a exemplo dos escritos.

Professores do Atheneu Sergipense (s.d)
Fonte: Acervo Iconográfico do IHGSE

Ver glossário no final da Aula

Contudo, a fotografia, assim como as outras fontes, deve ser analisada com criticidade, pois nem sempre aquilo que foi registrado é, de fato, o que verdadeiramente aconteceu. Por isso, nunca devemos considerar apenas uma fonte como verdade, mas buscar a verdade através do controle de variadas fontes. "É preciso entender que a fotografia é uma representação do real" (BITTENCOURT, 2008, p.366, Grifos da autora).

"nunca devemos considerar apenas uma fonte como verdade, mas buscar a verdade através do controle de variadas fontes"

Outro ponto a ser considerado é que os usos correntes de fotografia na vida cotidiana atual "anulam a percepção do observador, situação que complica a leitura das imagens" (BITTENCOURT, 2008, p.366).

Indo além, a fotografia também revela um olhar, que é o do fotógrafo. Ele tem papel fundamental na organização dos elementos que comporão a sua arte. Assim sendo, ele pode inserir ou retirar elementos, focalizar apenas um ângulo, encobrir outro, enfim, ele tem o poder de direcionar a imagem que quer gerar.

Desta feita, é com esse pensamento que o ensino de História poderá utilizar essa fonte para a dinamização da prática escolar. É preciso que os discentes compreendam que uma fotografia vai além de uma simples imagem, ela possui intenções que devem ser investigadas para melhor ser compreendida.

Nesse processo, dois pontos são fundamentais para o professor: selecionar e "ler" as fotografias. Na seleção, indica-se que o professor trabalhe com "imagens fortes" e poucas, ou seja, que centralize e instigue o olhar dos alunos a refletir sobre as mesmas. Uma sugestão é o estudo comparativo das fotografias, com base em fotos que retratam o mesmo local ou realidade em momentos distintos. Para o Ensino Médio, um caminho possível é relacionar fotos aos textos escritos, em especial sobre o período republicano brasileiro, reproduzidas em livros didáticos. (BITTENCOURT, 2008)

Interessante o exemplo apresentado por Bittencourt (2008) do trabalho realizado por Luiza Tucci Carneiro, com um grupo de professores através da análise de imagens sobre a Revolução de 30. Um aspecto é que Vargas, assim como os outros membros que participavam das fotografias, apresentavam-se em trajes militares, com o objetivo firmar a ideia de que o movimento político foi uma "revolução", um conflito armado, algo que não ocorreu. E essa imagem é também veiculada em muitos livros didáticos. (BITTENCOURT, 2008)

Nesse contexto, enfatizamos que o uso de fotografias pode e muito enriquecer as aulas de História no trabalho de conteúdos como a escravidão, os indígenas, os presidentes brasileiros, os movimentos sociais e políticos, dentre outros.

Para além do uso da fotografia, também destacamos o uso das imagens, de maneira geral: pinturas, ilustrações, figuras, gravuras, desenhos e representações diversas que se utilizam da arte para expressar um pensamento.

Desta feita, o livro didático brasileiro ao longo dos anos foi um grande celeiro de imagens diversas que, na maioria das vezes, apenas foram utilizadas como ilustração, deixando a desejar no aspecto analítico. Bittencourt

(2010) afirma que os usos de imagens nos livros didáticos de História têm uma forte influência francesa, principalmente nas obras de História Geral ou Universal. Já em relação à História Nacional, destacam-se as imagens de desenhistas e fotógrafos, que reproduziam quadros do final do século XIX, com destaque para o 7 de setembro de 1822, de Pedro Américo, e a Primeira Missa no Brasil, de Vitor Meirelles de Lima.

Uma sugestão interessante de trabalho com as imagens dos livros didáticos pode ser realizada pelo professor. Indicamos selecionar livros didáticos mais antigos da disciplina, presentes até mesmo na biblioteca da escola, ou mesmo do acervo particular do professor e, a partir delas desenvolver atividades comparativas com os discentes. Nesse sentido Bittencourt (2010) enfatiza:

> No caso de uma análise das populações e culturas indígenas, por exemplo, um estudo das ilustrações das diferentes épocas proporcionadas por livros didáticos produzidos em diferentes períodos pode se constituir em rico material didático de apoio, transformando o livro em documento de época e possibilitando, por intermédio do método do historiador, uma leitura crítica da imagem. (BITTENCOURT, 2010, p.86).

Aqui voltamos à importância de proporcionarmos aos nossos alunos o contato com a fonte, que no caso, Bittencourt (2010) indica, primeiramente, que o professor deve sugerir uma leitura "impressionista" das imagens sem o texto do livro, na qual os alunos expõem suas impressões em relação às mesmas. Em seguida, o professor deve conduzir os alunos a responderem sobre:

> Como e por quem foi produzido? Para que e para quem se fez esta produção? Quando foi realizada. Caso não haja indicações suficientes no próprio livro, as respostas dos alunos deverão ser obtidas com o professor ou ainda através da consulta de outras obras. (BITTENCOURT, 2010, p.88. Grifos da autora).

A partir dessa leitura e de outras possíveis de serem implementadas pelo docente, o importante é não tomar a imagem como mera ilustração, ou seja, utilizar a imagem pela imagem, é preciso ir além, considerando inclusive a importância de utilizar outras fontes, como textos escritos, que a tornam mais inteligível.

- **História, Cinema e audiovisuais**

O cinema e os audiovisuais fazem parte do universo das imagens e têm se tornado cada vez mais instrumento de análise dos historiadores. Opta-

mos por tratá-los em tópico específico pelas características intrínsecas que eles assumem, como fonte histórica e pelo papel singular que adquirem no ambiente de sala de aula.

A utilização de filmes nas análises historiográficas traz consigo uma série de questões que envolvem a sua produção, ou seja, não é a imagem somente, mas toda uma conjuntura que a envolve: os sons, as vozes, as técnicas de produção, a política cultural e a sociedade que produz e consome, as influências sociais, culturais e ideológicas. (BITTENCOURT, 2008).

Um filme pode revelar situações históricas diversas, ele constitui-se numa representação sobre determinada realidade e como toda obra de ficção pode apontar possibilidades de concretização, enfim, ele amplia o nosso foco de observação, levando-nos além, através de imaginação.

Por isso, mais uma vez reiteramos a importância de se problematizar, inquirir, duvidar da fonte. Nesse sentido, quando partimos para o ambiente da sala de aula é preciso planejar a atividade que inclui o filme, pois ele não pode ser somente utilizado para “preencher” espaços ociosos, mas deve contribuir efetivamente para a aprendizagem dos alunos. Com isso, apresentamos alguns passos para a análise de filmes, assim como propõe Fonseca (2009, apud FONSECA e GUIMARÃES, 2010, p.65) com o objetivo de propiciar subsídios para melhor compreensão dos conteúdos históricos.

a) **Planejamento**: momento de seleção prévia do filme relacionado ao tema em estudo, momento de assistir ao filme, de organizar o roteiro e o espaço e preparar os equipamentos;
b) **Roteiro**: enumerar questões relativas à produção (quem o fez, direção, roteiro, quando, onde, gênero, técnicas, financiamento, se é ou não baseado em alguma obra, etc. – a ficha técnica pode ajudar o professor) e explorar as características e a historicidade do filme (os personagens, o cenário, o ambiente, a época retratada, a história, as percepções, as leituras dos alunos, o roteiro, o desfecho, os limites e as possibilidades);
c) **Projetar e assistir ao filme**;
d) **Discussão**: estabelecer relações entre as leituras, interpretações, percepções dos alunos sobre o filme e os temas estudados em sala de aula (é o momento de confronto, desconstrução, ressignificação, análise e síntese);
e) **Sistematização e registro**.

Seguir esse pequeno roteiro já é um grande passo para que a atividade cumpra os seus objetivos. Aliás, estes precisam estar bem definidos, no planejamento, ou seja, o professor tem que selecionar um filme que se adeque à realidade com a qual ele trabalha. É preciso conhecer os alunos, suas preferências, através de um diagnóstico, porque senão a atividade pode fracassar.

Uma estratégia possível é também o controle do vídeo pelo professor, através da seleção/recortes de algumas imagens, sendo apresentadas aos alunos apenas algumas partes que interessam sobre o conteúdo trabalhado. (BITTENCOURT, 2008).

Contudo, é necessário muito cuidado, primeiramente, porque se o recorte não for realizado com coerência o entendimento do filme e do conteúdo podem ficar comprometidos. É preciso que o professor prepare bem os alunos para o processo de análise, indicando os caminhos que serão seguidos, problematizando, estabelecendo conexões, enfim, instigando os alunos a uma reflexão. Esse processo já faz parte do roteiro de análise.

Em seguida, vem o momento de assistir o filme, controlado pelo docente, no sentido de "prender" a atenção dos alunos, para que o foco da atividade não se dissipe. Disso decorre a discussão, que proporcionará o estabelecimento de opiniões dos alunos sobre o filme relacionados ao conteúdo. Aqui, o professor tem papel fundamental, pois é o momento para esclarecimentos, complementações, novas percepções, enfim, é a hora da síntese, que possibilitará a sistematização e o registro.

O registro, por sua vez, pode ocorrer através de variadas atividades, desde um texto escrito, articulando as cenas do filme com o conteúdo, até mesmo o incentivo à expressão artística, como a composição de cartazes, peça de teatro retratando cenas do filme, dentre outras possibilidades. O importante é motivar os alunos a usarem a criatividade, para que assim, a aula se torne um momento mais prazeroso, sem desconsiderar, é claro, o seu caráter formal, de atividade curricular.

Diante do exposto, sugerimos alguns **filmes e conteúdos históricos** relacionados para serem utilizados nas aulas de História. História do Brasil: "Mauá, o imperador e o Rei", relata a História da vida e obra de Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, um dos principais empreendedores do Brasil na segunda metade do século XIX, podendo ser trabalhado a economia brasileira no século XIX; "Policarpo Quaresma, herói do Brasil", Baseado na obra de Lima Barreto, conta a história do seu personagem Policarpo Quaresma, podendo ser intercalada com a leitura da obra escrita, como já apresentamos anteriormente. Aqui, o trabalho pode enriquecer-se imensamente, pois os alunos poderão estabelecer o controle entre as fontes: o que diz o livro? O que diz o filme? Há encontros ou divergências entre os dois?

Enfim, existe um leque muito amplo de possibilidades que estão à disposição do professor. Basta planejar e colocar em prática.

• **História e televisão**

A televisão constitui-se num dos meios de comunicação mais importantes da história da humanidade. Ela tem um poder imensurável no processo de entretenimento, (de) formação e informação que atinge de formas diversas diferentes setores da sociedade.

No caso da utilização da televisão em sala de aula, é preciso considerar uma série de questões que envolvem o seu uso como documento/linguagem, no sentido de propiciar verdadeiramente uma aprendizagem significativa.

Assim sendo, devemos considerar que os produtos televisivos guardam algumas peculiaridades que as diferem, por exemplo, dos materiais cinematográficos. Primeiramente, as imagens de TV têm a característica de serem produzidas para consumo imediato, já no cinema há a produção de uma mercadoria cultural para ser explorada e difundida durante anos. (NAPOLITANO, 2010).

Essa questão é de importância fundamental para a seleção das imagens que poderão se tornar instrumental pedagógico do professor de História. Desta feita, o docente tem diante de si uma variedade de gêneros televisivos, dos quais destacamos os telejornais, a teledramaturgia e os telefilmes.

A partir disso, o professor pode trabalhar tanto com materiais produzidos em épocas mais remotas, quanto com os mais recentes. Não é necessário somente trabalhar com documentos "antigos", produzidos no passado, muito do presente interessa para o trabalho histórico. (NAPOLITANO, 2010).

Inclusive, o acesso às imagens televisivas do presente é de mais fácil acesso, algo que na maioria das vezes não ocorre com as imagens de outrora. Isso, porque muita coisa foi descartada ou mesmo sofreu algum tipo de acidente, como incêndio, ou mesmo o seu acesso e negado, como ocorre com o arquivo da Rede globo (CEDOC), (NAPOLITANO, 2010).

Considerando esses aspectos, para se trabalhar com a televisão em sala de aula, o professor de História deve, primeiramente, buscar fundamentos teóricos em relação aos aspectos que a envolvem como meio de comunicação de massa. Em seguida, partir para o planejamento da atividade que se pretende realizar, levando em consideração: "a natureza do programa escolhido, sua duração, seu conteúdo específico, o grau de domínio (por parte dos alunos) dos códigos comunicacionais envolvidos." (NAPOLITANO, 2010, p.158). Depois o docente deve elaborar um roteiro de análise documental, evitando abordagens espontâneas dos alunos, direcionando a sua reflexão com coerência. (NAPOLITANO, 2010).

Partindo desse pressuposto, apresentamos alguns passos importantes para a análise documental do material de telejornal, segundo Napolitano (2010, p.159):

1) **Assistência do material**: impressões primárias "espontâneas" do grupo; decupagem das matérias/notícias (divisão conforme as imagens e os temas se sucedem no documento); reconhecimento dos códigos básicos envolvidos (texto, imagem, som); reconhecimento do tipo de telejornal (serviços, crônica, informativo etc).

2) **Análise semântica**: o grupo deve buscar o sentido "explícito" e "implícito" das notícias em pauta; articulação do conteúdo de uma matéria/notícia com outras matérias/notícias veiculadas no mesmo telejornal; análise crítica

das matérias/notícias: separar dado bruto/opinião ideológica/valores/ representações simbólicas do conteúdo.
3) **Crítica ideológica**: o grupo deve se posicionar sobre o conteúdo do documento e as artimanhas de sua "linguagem"; comparação com outros jornais (eletrônicos e impressos); pesquisa de conteúdos dos temas, buscando enriquecer as opiniões; explicitação dos conceitos veiculados; sistematização das contradições do documento e reflexão sobre as opiniões contrastantes surgidas no grupo.
4) **Síntese das fases anteriores**: sistematização dos valores e opiniões surgidos durante o trabalho; articulação com o conteúdo estudado no curso; sistematização das formas de recepção do documento televisivo ocorridas no trabalho em grupo.

Esse roteiro pode ser seguido na íntegra ou mesmo adaptado às realidades vivenciadas, de acordo com o perfil dos alunos e as necessidades específicas de cada turma. O importante é que o docente oriente seus alunos a refletirem sobre o telejornal, sua linguagem, ideologia e demais elementos, sempre questionando e procurando definir os limites e as possibilidades que se apresentam no processo de compreensão histórica presentes no documento analisado. Aliás, é interessante levar em consideração os pormenores da análise de jornais impressos que já expusemos, estabelecendo um comparativo entre as duas formas de apresentação da matéria/notícia.

Mais uma vez também, ressaltamos a importância do desenvolvimento de atividade interdisciplinar, em particular com o professor de Português, principalmente na análise da linguagem jornalística.

Para além da análise de telejornais, o professor pode utilizar uma série de outros materiais televisivos, como minisséries, propagandas, telenovelas, programas variados, documentários, dentre outros. A análise de uma minissérie ou telenovela que possua um caráter histórico pode ser muito interessante, sempre considerando o tempo de aula e as possibilidades de articulação entre o recurso e o trabalho com os conteúdos históricos, para que não ultrapasse os limites formais estabelecidos pelo projeto pedagógico da escola.

Considerando esses aspectos, o professor pode conduzir o processo de aprendizagem dos alunos, trazendo-os para o universo da história, através das realidades representadas nas imagens produzidas pela TV e que eles já estão habituados a assistir, possibilitando assim maior aproximação.

• História e Fontes orais

As fontes orais têm sido utilizadas pelos historiadores em suas pesquisas, assumindo fundamental importância no processo de reconstituição de

realidades históricas que muitas vezes não são contempladas somente com os outros tipos de documentos.

Assim sendo, as fontes orais provenientes dos "arquivos humanos", representam uma memória viva e vivida e podem ser utilizadas em sala de aula pelo professor para dinamizar a aprendizagem dos conteúdos históricos.

Uma das contribuições mais significativas do uso da história oral nas aulas de História é, justamente, propiciar aos alunos o estabelecimento de uma relação identitária, na qual os discentes são envolvidos no processo de coleta das fontes e entram em contato com a memória relatada pelas pessoas.

Uma atividade interessante e que deve ser instigada desde os primeiros anos de estudo é justamente a história de vida, na qual os alunos buscam conhecer a sua própria história, através de depoimentos coletados entre os membros da sua família, demonstrando que somos partícipes da história.

No caso do trabalho com o Ensino Médio, outras atividades mais bem elaboradas podem fazer parte do universo das aulas de história. A entrevista è uma atividade que pode instigar os alunos a buscar dados sobre determinado conteúdo. Por exemplo, ainda existem pessoas que viveram períodos mais recentes da nossa história, como a Ditadura Militar. Então, mesmo aqui em Sergipe temos representantes de variados movimentos que participaram ativamente da Ditadura e que podem contribuir sobremaneira para a compreensão desse período da história nacional. Até mesmo parentes dos próprios alunos. Por que não solicitar aos discentes que entrevistem duas ou três pessoas e a partir dos depoimentos façam uma análise sobre os pontos de convergência e divergência, para então obter a síntese histórica, através do diálogo entre os depoimentos?

A partir do que foi apresentado nesta Aula, simule uma aula para uma turma do Ensino Médio, utilizando uma ou mais Fontes Históricas como recursos para dinamização do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, organize um Plano de Aula, de acordo com o Modelo da Aula 10 deste Guia. Na Metodologia mostre quais os passos que você seguirá para trabalhar o conteúdo com a fonte (1º; 2º; 3º;...). Nos recursos especifique as Fontes Históricas que serão utilizadas. Por fim, explique qual atividade de síntese será designada para verificar a aprendizagem dos alunos. OBS. Este Plano de Aula deve ser mais especificado, sendo que em cada um dos tópicos deverá haver as explicitações necessárias.

COMENTÁRIO SOBRE A ATIVIDADE

O Plano de Aula constitui-se num poderoso instrumento para a organização e efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, nas aulas de História para o Ensino Médio é importante o uso das Fontes Históricas como recursos para que os alunos aproximem-se do conhecimento histórico, como forma de inseri-los no seu universo. Com isso, o professor de História deve estar atento às possibilidades de uso desses recursos para tornar o ensino da nossa disciplina mais interessante e proveitoso.

CONCLUSÃO

Diante do que expusemos nesta aula, concluímos ressaltando a importância que as fontes históricas têm assumido no processo de dinamização e ressignificação do ensino de História.

O fundamental é que o professor busque sempre atualizar-se em relação ao conhecimento histórico que está sendo produzido e nas possibilidades de utilização de variados recursos no processo de compreensão das realidades históricas.

Desta feita, aproximar os alunos do processo de construção da história, através das fontes históricas, não significa transformar os alunos em pequenos historiadores, mas de mostrar que a história está ao alcance de todos aqueles que verdadeiramente buscam conhecê-la.

RESUMO

As fontes históricas resumem-se em três tipos principais, quais sejam: fontes escritas, materiais, iconográficas/visuais ou audiovisuais e orais. São exemplos de fontes escritas: ofícios, legislações, jornais, revistas, cartas, diários; materiais: objetos de arte ou do cotidiano; iconográficas/visuais e audiovisuais: quadros, imagens, figuras, filmes, músicas, e orais: depoimento, entrevista, discurso e outras formas de expressão, por meio da linguagem falada. A ideia de uso das fontes no ambiente escolar é algo recente e busca a inserção dos alunos no ambiente de construção do saber histórico, na medida em que propicia o contato dos mesmos com a matéria-prima de trabalho do historiador, não almejando, contudo, transformar os discentes em "pequenos historiadores". Desta feita podemos relacionar a História escolar com Jornais e revistas; literatura, música, imagens, cinema e audiovi

visuais, televisão e fontes orais, dentre outras possibilidades que podem nos auxiliar na condução do processo de ensino e aprendizagem.

PRÓXIMA AULA

Refletiremos sobre as possibilidades de uso dos documentos de arquivos, museus e bibliotecas como recursos para o ensino de História.

AUTO-AVALIAÇÃO

Refletir sobre as seguintes questões:
1- Identifico quais são os tipos de fontes históricas?
2- Sei utilizar as fontes históricas nas aulas de História?

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

_______. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 69-90.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. São Paulo: Unesp, 2007.

FONSECA, Selva Guimarães e GUIMARÃES, Iara Vieira. **Metodologia do Ensino de História**. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. A televisão como documento. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010. p.149-162.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

GLÓSSARIO

fontes históricas: Na aula passada tratamos somente do livro didático como recurso histórico pela importância por ele adquirida ao longo da história do ensino no Brasil, mas destacamos que o livro didático também é uma fonte histórica.

papel: As fontes escritas podem ser apresentadas em outros suportes, além do papel. Ao longo da história da humanidade, várias foram as formas utilizadas pelos homens para o seu registro: a pedra, o couro, a cera, o papiro, o pergaminho, dentre outros. Para aprofundamento sobre a história da escrita, ler: CHARTIER, Roger. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. São Paulo: Unesp, 2007.

jornalísticos: Apenas estamos especificando o trabalho com jornais impressos, mas existem outras variedades de publicações jornalísticas e que também podem ser utilizadas em sala de aula, como programas de rádio ou televisão, sites informativos e jornais eletrônicos.

Professores do Atheneu Sergipense: José Augusto Rocha Lima; 2- Florentino Menezes; 3- Artur Fortes; 4- Joaquim Sobral; 5- Santos Melo; 6- José Andrade; 7-José Frontilin; 8-Felte Bezerra; 9-João Alfredo; 10-Walter D.; 11-Garcia Moreno e 12- Fraga Lima.
Sem data identificada.

Filmes e contuidos históricos: http://www.cinedebate.uneb.br/site/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=15&Itemid=43